

Ponta Grossa, Paraná, Brasil – 06 a 08 de junho de 2018

Organizações Sociais Fluidas – uma análise da Virada Política

Pedro Kelson (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) pedrokelson@gmail.com

Resumo:

Na passagem de uma sociedade industrial para uma sociedade em rede (CASTELLS, 2006) grandes transformações têm acontecido nas empresas, governos e organizações não governamentais. Essas transformações, porém, ainda não se consolidaram o que cria um campo de pesquisa aberto sobre novos modelos organizacionais. Uma das referências que usamos é do pesquisador belga Frederic Laloux (2014), que sistematizou algumas características que ele avalia serem comuns a organizações típicas de uma sociedade colaborativista, aqui traduzidas como Organizações Fluidas. O objetivo dessa pesquisa é verificar se a Virada Política (coletivo de ação política da sociedade civil de São Paulo) possui características deste modelo de organização, marcada pela Autogestão, por serem espaços de Integralidade e por possuírem Propósitos Evolutivos. Para tanto, foram realizadas pesquisas Survey com oito integrantes do coletivo e pesquisas de mesa, a partir de uma perspectiva de Observador Participante. Os dados obtidos na pesquisa dão conta de que a Virada Política possui um modelo de Autogestão bastante horizontal (com ausência de hierarquia; presença de autoridades com baixo peso; e presença de processos decisórios dialogados). Os dados sugerem ainda que a organização se constitui como um espaço de Integralidade (marcada por vínculos de amizade e confiança e por ser um espaço de diálogo, aprendizado e desenvolvimento moral e ético) e como uma organização com Propósito Evolutivo (onde o que motiva os participantes individualmente são propósitos coletivos, alinhados com o propósito da organização). O estudo desse modelo organizacional poderá fortalecer o campo conceitual de governança democrática e novos movimentos sociais.

Palavras-Chave: organizações não governamentais, governança democrática, gestão horizontal, coletivos políticos.

Fluid Social Organizations – an Analyzis of Virada Política

Abstract

In the transition from an industrial society to a network society (CASTELLS, 2006), major transformations are happening in companies, governments and non-governmental organizations. However, those transformations are not consolidated yet, what creates an open field to research new organizational models. One of the references we use in this article is Frederic Laloux (2014), who systematized some of the characteristics commonly found in collaborative society's organizations (called as Teal Organizations by him). The purpose of this research is to verify if Virada Política (political action collective of the civil society of São Paulo) has characteristics of this model of organization, marked by Self-Management, Spaces of Integrality and Evolutionary Purposes. The datas were collected with a Survey with eight members of the collective and desk research, from a Participant Observer perspective. The collected data shows that Virada Política has a very horizontal Self-management model (with no hierarchy, presence of authorities with low weight, and presence of dialogical decision-making processes). The data also suggest that the organization constitutes a space of Integrality (marked by bonds of friendship and trust and being a space for dialogue, learning and moral and ethical development) and as an organization with an Evolutionary Purpose (where what motivates the individual participants are collective purposes, aligned with the purpose of the organization). The study of this organizational model could strengthen the conceptual field of democratic governance and new social movements.

Ponta Grossa, Paraná, Brasil – 06 a 08 de junho de 2018

Key-words: non-governmental organizations, democratic governance, horizontal management, political collectives.

1. Introdução

O presente artigo analisará um coletivo da sociedade civil com incidência política na cidade de São Paulo, criado em 2014 por um grupo de jovens. Essa organização, chamada Virada Política, será analisada a partir do trabalho de Laloux (2014), pesquisador belga que sistematizou o conceito de Organizações Fluidas, a partir da contextualização feita por Castells (2006) e Rifkin (2015) que apresentam algumas macro mudanças pelas quais vem passando o mundo nesse último século.

1.1. Justificativa

O fenômeno de um mundo interconectado em redes de informação e comunicação instantânea é recente na história humana. A internet, principal via de interconectividade global, foi desenvolvida durante a guerra fria, há cerca de 50 anos (CASTELLS, 2006). Portanto, as organizações que operam a partir da lógica das redes são, de um modo geral, modelos experimentais. Diversos autores estão buscando encontrar padrões organizacionais nesses experimentos para compreender melhor para onde caminham.

O estudo acadêmico de modelos organizacionais experimentais permite gerar conhecimento, sistematizar boas práticas, fortalecer aquilo que de bom tem uma sociedade em rede e gerar mecanismos de mitigação para aquilo que não é considerado benéfico para as pessoas individualmente, para as organizações de forma específica e para a sociedade de uma maneira geral.

No campo da democracia esse estudo ganha relevância quando levamos em conta o grande descrédito pelas quais passam as organizações políticas tradicionais, como partidos políticos e sindicatos, – outrora relevantes portas de entrada para a vida pública e fortes vetores de ação política e social – e que atualmente se apresentam como organizações engessadas e viciadas, afastando possíveis novas lideranças políticas.

Esse descrédito é um dos sintomas daquilo que Teixeira (2016) chama de Crise de Participação Social, em que as pessoas se afastam do exercício da cidadania e da vida pública. Essa crise é apontada também pelo Index de Democracia da The Economist Intelligence Unit (2014, 2015, 2016 e 2017), que indica que a democracia brasileira está em declínio desde 2006 (seguindo uma tendência mundial) e apresenta como piores indicadores a Participação Política e a Cultura Política.

É preciso, portanto, encontrar novas formas de organização, que façam sentido para o modelo de sociedade que vivemos hoje em dia, que atraiam e estimulem a participação social, que tenham efetividade em reduzir a distância entre representantes e representados e que apresentem alternativas de aprimoramento da democracia.

No campo dos estudos organizacionais, esse trabalho pode contribuir com a geração de conhecimento sobre gestão de equipes, processos de tomada de decisão, governança democrática e cultura organizacional.

Ponta Grossa, Paraná, Brasil – 06 a 08 de junho de 2018

O foco do artigo é a análise da Virada Política, organização criada em 2015 na cidade de São Paulo. A Virada Política se define como um coletivo de voluntários, que organiza anualmente um evento onde ativistas, artistas e pensadores se reúnem para repensar e transformar a política de fora para dentro. É um “espaço de respeito e diálogo, onde diferentes perspectivas e opiniões podem se encontrar, aprofundar ideias, conectar ações e se inspirar”, como a organização afirmar em seu sítio.

Duas frases são utilizadas como motes nos materiais de comunicação da organização. São elas “A Política é importante demais para ficar apenas nas mãos dos políticos” e “Um povo que se sinta político e um político que se sinta povo”. Essas frases fazem referência principalmente à necessidade de aumento da participação social na política e ao reconhecimento de que as ações do cotidiano também são ações políticas.

A quarta edição do evento aconteceu nos dias 11 e 12 de novembro de 2017, na Câmara Municipal de São Paulo e em um polo de inovação social de Pinheiros (composto pelas organizações B_arco, Civi-co e Impact Hub).

Ao todo, passaram pela Virada Política 2017 aproximadamente 3.000 pessoas. O evento reuniu mais de 180 iniciativas de inovação e incidência política, que apresentaram mais de 80 atividades, entre painéis, oficinas e intervenções artísticas. O evento contou com a participação de representantes de organizações internacionais como Greenpeace, Conectas e Avaaz, passando por grandes organizações brasileiras como os institutos Sou da Paz, Alana e Democracia e Sustentabilidade (IDS), até organizações e coletivos de atuação local como Minha Sampa, Bancada Ativista e Agência Pública.

As atividades abordaram uma ampla gama de temas, tais como reformas institucionais, direitos humanos, tecnologia, mídia e meios de comunicação, sustentabilidade, participação e representação, espiritualidade e religião, entre outros. Ela se define hoje como o maior evento independente de inovação e incidência política do país. Além disso, ao longo do ano o coletivo organiza uma série de atividades como cursos, imersões pedagógicas em diferentes regiões da cidade, cine debates e articulações entre organizações sociais com o objetivo de manter coesa e fortalecida a rede de ação política da sociedade civil.

O coletivo é composto apenas por voluntários e se mantém de maneira totalmente independente, sem vínculos partidários ou com grupos ideológicos. É mantida exclusivamente por pessoas físicas através de campanhas anuais de financiamento coletivo (crowdfunding) e, mesmo nestas campanhas, não aceita doações que ultrapassem 20% do total a ser arrecadado.

Realiza ainda cursos presenciais mensais sobre diversos temas ligados à política, ministrados por organizações que estiveram nas edições passadas do evento e cuja missão é disseminar conhecimento, fortalecer a rede e gerar recursos para a Virada Política. A sustentabilidade financeira é um fator chave para a manutenção da independência e o desejo de realizar uma gestão eficiente é descrita com a hashtag #SomosOrganizados, sempre que um trabalho é concluído de forma satisfatória.

A Virada Política nasceu e se desenvolveu sem seguir uma teoria organizacional

Ponta Grossa, Paraná, Brasil – 06 a 08 de junho de 2018

específica. Assim, não há teorias ou modelos que embasam a organização a priori. Ao menos não de forma clara e institucionalizada. Será utilizada, contudo, como modelo de análise nesse artigo os estudos feitos por Laloux (2014) que, apesar de focar suas pesquisas em organizações empresariais fluidas e em rede, apresenta um conhecimento muito aplicável às Organizações Não Governamentais, coletivos e redes de ação, como é o caso da Virada Política.

O objetivo geral dessa pesquisa é, portanto, verificar se a Virada Política apresenta características de Organizações Fluidas, definidas por Laloux (2014). Os objetivos específicos consistem em: (i) analisar se a organização segue um modelo de Autogestão; (ii) se a organização se configura como um espaço de Integralidade; (iii) se a organização possui um Propósito Evolutivo.

Por conseguinte, o problema de pesquisa é se a Virada Política apresenta características de Organizações Fluidas (LALOUX, 2014).

2. Fundamentação Teórica

Segundo diversos autores, dentre eles o sociólogo espanhol Manuel Castells (2006), estamos vivendo, do fim do século XX e neste início de século XXI, uma era de macro transição. A reestruturação do capitalismo e o desenvolvimento das tecnologias da informação marcaram uma mudança de Era – da Industrial para a Informacional – e estão conduzindo a sociedade para aquilo que o autor chama de uma Sociedade em Rede.

O mundo está cada vez mais interconectado, de forma que economias e culturas se relacionam com grande intensidade, deixando mais e mais evidente a nossa condição de interdependência global. As fronteiras entre economia, estado e sociedade também se reduzem e criam um intrincado e complexo ecossistema, que coloca em cheque os modelos tradicionais de construção de identidades individuais e coletivas, de gestão das organizações, comunidades, países, sistema econômico e governança global (CASTELLS, 2006).

O desenvolvimento acelerado das tecnologias da informação torna-as mais acessíveis a uma parcela cada vez maior da sociedade e descentraliza radicalmente a capacidade de gerar informação e opinião (DIAMOND, 2015). A perspectiva é de que praticamente toda a população tenha acesso à banda larga até o final da década (DOWBOR, 2016). A internet se espalha a uma velocidade grande pelo globo. Dos mais de 7 bilhões de pessoas, 3,3 bilhões têm acesso a internet e 6 bilhões têm aparelhos celulares, segundo dados da Organização das Nações Unidas (2016).

As comunicações tornam-se instantâneas e o acesso à informação se amplifica. Novas ferramentas como os Cursos Online Abertos e Massivo (Massive Open Online Course - MOOC) permitem que as pessoas adquiram conhecimentos e informações sobre os mais variados temas, de forma praticamente gratuita e que, igualmente, possam disseminá-las. As impressoras 3D permitem imprimir uma ampla gama de objetos em casa, a um custo marginal próximo a zero (RIFKIN, 2015). Cada vez mais a posse exclusiva do conhecimento e dos meios de produção se torna algo do passado.

Ponta Grossa, Paraná, Brasil – 06 a 08 de junho de 2018

O conhecimento é o motor da Era da Informação (RIFKIN, 2015). Ao contrário dos bens tangíveis, o conhecimento pode ser disseminado infinitamente. Não se torna mais escasso à medida que é disseminado. Ao contrário, se desenvolve e se amplia à medida que mais pessoas têm acesso.

Novas tecnologias como o Blockchain e seus desdobramentos financeiros – as criptomoedas – permitem transações seguras e transparentes entre pessoas, sem a necessidade de órgãos reguladores, bancos centrais ou qualquer outro mecanismo oficial de validação. Inúmeras experiências com o uso dessas tecnologias já estão acontecendo no mercado financeiro e em consultas para definição de políticas públicas. O Japão já está ensaiando usar a tecnologia Blockchain para pagamento de tributos e impostos, o que permite que o contribuinte rastreie por onde a sua criptomoeda passou, de ponta a ponta. Essa é mais uma tecnologia que tenciona a sociedade em direção a um modelo mais descentralizado e horizontal.

As redes permitem ainda que o conhecimento fique acessível por diferentes vias, o que dificulta monopolizá-lo. Assim, como afirmado anteriormente, a exclusividade da posse vem deixando de ser o único valor central nas culturas capitalistas e o compartilhamento enquanto valor ganha cada vez mais espaço. O benefício individual perde espaço para o benefício público e coletivo (RIFKIN, 2015). A esses bens, Rifkin (2015) chama de Bens Comuns Sociais e o modelo que integra uma economia baseada em Bens Comuns Sociais é chamado pelo autor de Colaborativismo.

Numa economia colaborativa o bem-estar econômico é medido pela quantidade de geração de autonomia e coesão social que ela produz. Os Bens Comuns Sociais já possuem um peso econômico relevante e representam em média 5% do Produto Interno Bruto em países desenvolvidos. O termo “colaborativo” começou a aparecer na literatura por volta da década de 1950 e atualmente é usado de forma ampla na literatura científica e na linguagem popular, o que demonstra o peso que esse conceito vem ganhando no imaginário coletivo (RIFKIN, 2015).

Segundo Rifkin (2015) esse modelo parece misturar qualidades do capitalismo e do socialismo. O termo da vez para os ativistas do colaborativismo é o de Empreendedor Social – aquele que busca, através de práticas eficientes e economicamente sustentáveis o desenvolvimento socioambiental. Contudo, ao que tudo indica, este modelo não irá se sobrepor aos modelos vigentes num espaço de tempo razoável, mas irá transformá-los e impactá-los, humanizando-os e tornando-os mais eficientes (RIFKIN, 2015).

Esse é uma forma de ler o contexto social que estamos vivendo. E essas mudanças estão acontecendo pois há uma mudança profunda em andamento em nossa cultura. Para Laloux (2014) a maneira como cada cultura vê o mundo nas diferentes épocas, molda as formas organizacionais que as sociedades criam. Portanto, se há uma mudança cultural profunda há também uma transformação dos modelos organizacionais e, como tudo que se transforma, parte de uma tensão entre o tradicional e o novo. De um lado operamos com base na burocracia, marcada pela racionalidade, valorização da técnica, especialização e hierarquia (FARIA E MENEZES, 2011) e, por outro, entramos nessa sociedade em rede descrita até aqui.

Ponta Grossa, Paraná, Brasil – 06 a 08 de junho de 2018

Laloux (2014) vem estudando organizações que buscam se adaptar e se reinventar neste novo contexto, orientadas por valores colaborativistas – chamadas de Organizações Fluidas – e formulou três características determinantes:

- Autogestão – organizações baseadas em relações horizontais, entre pares, sem a necessidade de hierarquia e com baixa presença de autoridades.
- Integralidade – organizações como espaços de confiança, em que há espaço para outros aspectos humanos para além da razão, como as emoções, as relações interpessoais, a espiritualidade, o afeto e a intuição. Ou seja, organizações mais integrais.
- Propósito Evolutivo – a organização possui um propósito claro. A competição se torna menor do que a busca por alcançar o propósito. O desenvolvimento da organização se dá menos por planejamento e controle e mais pela observação e compreensão daquilo que a organização deseja se tornar.

3. Método de Pesquisa

A pesquisa que embasa o presente artigo foi feita através de alguns métodos. O primeiro é uma pesquisa quantitativa Survey, que buscou coletar dados das seguintes variáveis:

- Perfil dos organizadores
- Propósitos individuais
- Benefícios trazidos pela vida organizacional
- Percepção da estrutura organizacional

A Survey é indicada para obter “dados ou informações sobre características, ações ou opiniões de determinados grupos” (FREITAS ET. AL, 2000, P. 105) e permite assim descrever uma população quantitativamente.

O questionário de pesquisa foi enviado ao grupo de Whatsapp da organização. Esse grupo concentra todos os participantes do chamado núcleo de trabalho, ou seja, aquelas pessoas que efetivamente trabalham no seu dia a dia. As respostas utilizadas foram aquelas dos que se prontificaram a responder. A isso Freitas e colaboradores (2000) chama de uma Amostra por Conveniência.

O formulário enviado contou com 29 perguntas, sendo cinco delas abertas e 11 com escalas de avaliação de 1 (muito pouco) a 5 (muito) e foi construído como Lista (FREITAS E COLABORADORES, 2000) para levantar informações como identidade, comportamento, motivação e opiniões/valores.

As perguntas do questionário buscaram obedecer a uma sequência lógica (contágio entre as perguntas), sendo as primeiras mais simples e amplas, seguidas por outras mais complexas e específicas e terminando com perguntas sociodemográficas, como sugerido por Freitas e colaboradores (2000). Foi realizada ainda uma pesquisa de mesa para levantar informações institucionais da Virada Política através de seu sitio, Facebook e Instagram.

Ponta Grossa, Paraná, Brasil – 06 a 08 de junho de 2018

Essa foi uma pesquisa feita através de Observação Participante (VALLADARES, 2007), resultado dos três anos de trabalho do pesquisador dentro da Virada Política. Portanto, a interpretação e a análise das informações obtidas são feitas a partir de uma visão interna, de alguém que está no dia a dia de trabalho. Essa abordagem permite que o pesquisador se aproxime e ganhe profundidade a respeito do objeto de estudo, compreenda o campo de significados e as dinâmicas relacionais dessa comunidade mas, em contrapartida, reduz o distanciamento necessário no fazer científico (VALLADARES, 2007). Tendo isso em mente, tentei ao máximo me ater à objetividade dos dados e refletir criticamente sobre as observações feitas em campo.

Ao final, foi criada uma nuvem de palavras através do site Word It Out¹. As nuvens de palavras são comumente usadas para sumarizar os termos mais importantes e sintetizar as ideias gerais, tornando-as visualmente fáceis de ler. Nela a fonte das palavras aumenta de acordo com a popularidade, ou a frequência com a qual a palavra foi repetida nos textos (RAMLO, 2011).

4. Análise dos Resultados

O grupo é composto por um núcleo principal de 18 pessoas e uma rede ampla de parceiros com 105 integrantes. Dos 18 membros do grupo principal, oito responderam ao questionário. Destes, cinco são mulheres e três homens. A idade média é de 35,12 anos, sendo a mais nova com 27 anos e a mais velha com 47 anos.

Sete entrevistados possuem graduação completa (87,5%) e destes, cinco são pós-graduados (62,5%), 75% são filhos de mães com ensino superior completo e 50% têm pais com ensino superior completo. Três entrevistados (37,5%) dedicam de 3 a 5 horas semanais à Virada Política e os outros cinco (62,5%) dedicam de 6 a 9 horas.

4.1. Autogestão

A pesquisa Survey realizada apresentou alguns dados que indicam como se dão as relações de hierarquia, autoridade e horizontalidade dentro da organização – indicadores de Autogestão. Todos os pesquisados afirmaram não haver hierarquia ou cargos de comando dentro da Virada Política.

Para medir se há a presença de figuras de autoridade (ou seja, pessoas que mesmo sem uma posição hierárquica determinam as decisões tomadas) a pesquisa contou com duas perguntas quantitativas – em escala de 1 a 5, sendo 1 (muito pouco) e 5 (muito). Quando perguntados se “existem pessoas com posições de autoridade na organização (cujas opiniões têm mais peso que de outras)”, a avaliação média foi de 3,38, o que denota existir algum tipo de autoridade informal.

Em reunião realizada no dia 18 de janeiro de 2018 o tema da autoridade foi abordado pelos membros do grupo. Dois aspectos foram mencionados no processo de construção de autoridade: “tempo de casa” e “capacidade de entrega de trabalho”. “Tempo de casa” se refere àquelas pessoas que tem participado desde as primeiras

¹ www.worditout.com

Ponta Grossa, Paraná, Brasil – 06 a 08 de junho de 2018

edições e assim possuem uma autoridade maior em relação àquelas que estão há menos tempo. Dos 18 participantes, dois estão desde a primeira edição e o autor deste artigo está desde a segunda. “Capacidade de entrega de trabalho” se refere àquelas pessoas que entregam mais ações concretas e que assim acabam ganhando maior destaque no grupo. É possível que ambos os aspectos tenham impacto sobre as relações de autoridade.

O peso que as figuras de autoridade possuem no grupo pode ser avaliado na pergunta “quando não se consegue resolver um impasse ou uma divergência alguém dá a palavra final”, também mensurada numa escala de 1 (muito pouco) a 5 (muito). Neste caso, a avaliação média foi de 2,00. Para a pergunta “quando não se consegue resolver um impasse ou uma divergência o grupo encontra maneiras dialogadas para solucioná-las” a nota foi de 4,63, o que corrobora a hipótese de que essa autoridade tenha um peso restrito e que as decisões são tomadas majoritariamente através de consenso.

O grupo da Virada Política se organiza através do Whatsapp e de outras ferramentas de comunicação digital como o Google Agenda e o Google Drive e em reuniões presenciais periódicas. Por Whatsapp, o grupo se divide em sete GTs (Grupos de Trabalho), destinados a discutir temas específicos como: GT Comunicação; GT Educação; GT Expansão; GT Finanças; GT Programação; Virada Política São Paulo; e Virada Política Brasil.

Praticamente todos os participantes estão presentes nos sete grupos. A divisão tem mais o objetivo de organizar as conversas e definir as áreas de atuação com alta demanda do que dividir o trabalho.

4.2. Integralidade

Na pesquisa Survey os participantes foram solicitados a avaliar o quanto, de um modo geral, seus parceiros de organização eram seus amigos. A avaliação média (numa escala de 1 a 5) foi de 4,37. Quando perguntados se ficam confortáveis para expressar ideias, desejos e questões pessoais/íntimas com seus colegas de organização, a avaliação média foi de 4,5. Essas duas avaliações indicam haver na Virada Política um espaço de confiança e amizade entre as pessoas.

Para a pergunta “Quais benefícios pessoais e profissionais a vida organizacional te traz? O que você aprende na organização? ”, as respostas foram:

P1 – “Ser mais coerente entre prática e teoria”.

P2 – “Conviver com pessoas diferentes e respeitar a diversidade”.

P3 – “A lidar com opiniões e divergências, o tempo todo”.

P4 – “Resiliência, cultura colaborativa e horizontal, paciência, teimosia, amor”.

P5 – “Na Virada aprendo a ser mais tolerante e a construir processos democráticos que sejam eficientes no cotidiano”.

Essas respostas também sugerem haver na organização um espaço de diálogo, de aprendizado e de desenvolvimento moral e ético. Há uma preocupação especial de

Ponta Grossa, Paraná, Brasil – 06 a 08 de junho de 2018

cada um com o próprio comportamento. Palavras como coerência, respeito, resiliência, paciência, teimosia, amor e tolerância estão fortemente vinculados ao comportamento.

4.3. Propósito Evolutivo

Os participantes foram perguntados sobre “Qual é o seu propósito pessoal ao se juntar a essa organização? ”. As respostas foram:

P1 – “Levar a política para o cotidiano da população – ampliar a educação política”.

P2 – “Aprendizado, networking, colocar coisas em prática”.

P3 – “Contribuir para oxigenação na política brasileira”.

P4 – “Evoluir nosso conhecimento e repertório político”.

P5 – “Me sentir atuante num assunto que me incomoda”.

P6 – “Como uma característica pessoal, tenho dificuldade em ter posicionamentos muito contundentes sobre temas da realidade, algo que via como fraqueza. Agora busco construir convergência entre posicionamentos dicotômicos”.

P7 – “Me aproximar da política”.

P8 – “Escalar as boas práticas e bons projetos. Aprender e discutir política do cotidiano”.

É possível aglutinar as respostas em três grandes fatores motivacionais para participar do coletivo:

- a) Ampliar a participação política – P5, P7;
- b) Qualificar a prática política – P2, P6, P8;
- c) Se educar politicamente – P1, P4.

No site da Virada Política cada integrante da organização acrescenta ao seu nome três hashtags, com termos que representem as suas pautas de ativismo, como por exemplo #artepolítica, #direitoshumanos, #ativismocorporativo e #educaçãopolítica. A somatória das 42 hashtags foi organizada na nuvem de palavras da Figura I.

Ponta Grossa, Paraná, Brasil – 06 a 08 de junho de 2018



Figura 1 – Nuvem de palavras com as hashtags da Virada Política, elaborado pelo autor

A análise das hashtags sugere que o foco da ação dos participantes é: Política (repetida 11 vezes), Democracia (3 vezes), Social (3 vezes) e Cultura (3 vezes). Quando se compara os propósitos institucionais da Virada Política com os propósitos individuais e com os benefícios gerados na vida organizacional é possível perceber um alinhamento entre todos os discursos.

5. Conclusões

Através dos dados levantados nas pesquisas é possível verificar que a Virada Política possui características de Organizações Fluidas. Os indicadores sugerem que ela possui um alto grau de Autogestão, como ausência de cargos hierárquicos, presença de processos deliberativos horizontais e ausência de autoridades determinantes nos processos decisórios.

Essa configuração permite que os participantes lidem com os conflitos e com o dissenso de forma a encontrar soluções razoáveis para todos. Permite que todos escutem as diferentes perspectivas e procurem soluções que atendam aos diferentes anseios e necessidades. Gera autonomia e senso de responsabilidade nos integrantes do grupo, uma vez que não há estruturas de comando e controle.

É possível que esse modelo torne o processo mais lento, afinal, leva-se um ano para organizar um único evento – algo que uma agência de eventos poderia fazer em muito menos tempo. Mas é uma preocupação do grupo combinar horizontalidade com eficiência nos processos, características típicas dos empreendedores sociais, como descrito anteriormente por Rifkin (2015).

Esse modelo de Autogestão e de construção do evento é extremamente pedagógico

Ponta Grossa, Paraná, Brasil – 06 a 08 de junho de 2018

e permite que os participantes da Virada Política pratiquem a democracia (ainda que em pequena escala). Sisk (2015) define o exercício da democracia como a gestão da diversidade de conflitos e interesses sociais. Esse exercício demanda habilidades específicas, descritas por um dos respondentes da pesquisa como “resiliência, cultura colaborativa e horizontal, paciência, teimosia, amor”, ou então como o outro respondente escreveu, “conviver com pessoas diferentes e respeitar a diversidade”. Essas características não estão dadas em nossa cultura – ao contrário, elas precisam ser exercitadas, assim como se exercita um músculo.

Os dados levantados sugerem também que a organização se configura como um espaço integral, pois seus organizadores consideram ter vínculos de amizade, confiança e intimidade uns com os outros. Putnam (2015), Sisk (2015) e Diamond (2015) chamam esse tecido social marcado pela confiança de Capital Social. Para eles sociedades que possuem relações de confiança e cooperação são sociedades com alto Capital Social. Putnam (2002) mostra ainda que sociedades que possuem um alto Capital Social tendem a ter democracias mais eficientes e robustas.

Como comentado no capítulo II, para Rifkin (2015) o bem estar econômico é medido pela quantidade de geração de autonomia e coesão social que ela produz em uma economia colaborativa. É possível dizer, portanto, que a Virada Política cumpre em alguma medida esse papel.

A Virada Política possui também um Propósito Evolutivo em função da centralidade do propósito comum nas narrativas individuais. Ou seja, os membros do coletivo desejam alcançar um propósito que é comum e não um benefício exclusivamente individual como costuma acontecer em espaços competitivos. Reforça esse indicador o fato de que todas as decisões são tomadas coletivamente. Isso indica que os processos estão em constante mutação e que, portanto, a organização seja pouco orientada por planejamentos rígidos.

Com isso é possível responder à pergunta de pesquisa afirmando que a Virada Política possui diversas características de Organizações Fluidas. A partir dessa conclusão, vale a pena aprofundar novos estudos para compreender como se dão os processos de tomada de decisão do coletivo, incluindo o papel do planejamento nesse processo e como o seu modelo de governança tem se transformado ao longo do tempo, desde a fundação da organização. Também se pode aprofundar como acontecem as construções de autoridade dentro de grupos horizontais e como essa autoridade pode ser exercida de forma a não deformar um coletivo.

Referências

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2006.

DIAMOND, Larry. *O espírito da democracia: a luta pela construção de sociedades livres em todo mundo*. Curitiba: Instituto Atuação, 2015.

DOWBOR, Ladislau. *O que é Poder Local?*. Imperatriz: Editora Ética, 2016.

Ponta Grossa, Paraná, Brasil – 06 a 08 de junho de 2018

FARIA, José Henrique de; MENEGHETTI, Francis Kanashiro. *Burocracia como organização, poder e controle*. Rev. adm. empres. [online]. 2011, vol.51, n.5, pp.424-439.

FREITAS, Henrique; OLIVEIRA, Miriam; SACCOL, Amarolinda Z.; MOSCAROLA, Jean. *O método de pesquisa Survey*. São Paulo: Revista de Administração, v.35, n. 3, p. 105-112, junho/setembro, 2000.

LALOUX, Frederic. *Reinventing Organizations: a guide to creating organizations inspired by the next stage of human consciousness*. Brussels: Nelson Parker Editor, 2014.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. UIT: 3,7 bilhões de pessoas ainda não têm acesso à Internet no mundo. 2016. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/uit-37-bilhoes-de-pessoas-ainda-nao-tem-acesso-a-internet-no-mundo/>. Acesso em 18 de setembro de 2017.

PUTNAM, Robert D. *Jogando Boliche Sozinho: Colapso e ressurgimento da coletividade americana*. Curitiba: Instituto Atuação, 2015.

PUTNAM, Robert D. *Comunidade e Democracia: a experiência da Itália moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 2002.

RAMLO, Susan. *Using Word Clouds to Visually Present Q Methodology: Data and Findings*. Journal of Human Subjectivity. Ohio, 2011.

RIFKIN, Jeremy. *Sociedade com custo marginal zero: a internet das coisas, os bens comuns colaborativos e o eclipse do capitalismo*. São Paulo: Editora M.Books, 2015.

SISK, Timothy, Et Al. *Democracia em nível local: Manual de Participação, Representação, Gestão de Conflito e Governança do International IDEA*. Curitiba: Instituto Atuação, 2015.

TEIXEIRA, Luiza Reis. *Legislativos Municipais: Dilemas entre Representação e Participação*. Tese (Doutorado em Administração Pública) – Escola de Administração de Empresas de São Paulo. Fundação Getúlio Vargas. 2016.

THE ECONOMIST INTELLIGENCE UNIT. *Democracy Index 2017: Free speech under attack*. 2018. p 23-25. Disponível em: <http://bit.ly/2E074Zl>. Acesso em 31 de janeiro de 2018.

THE ECONOMIST INTELLIGENCE UNIT. *Democracy Index 2016: Revenge of the “deplorables”*. 2017. p 6-32. Disponível em: <http://www.eiu.com/topic/democracy-index>. Acesso em 30 de maio de 2017.

THE ECONOMIST INTELLIGENCE UNIT. *Democracy Index 2015: Democracy in an age of anxiety*. 2016. p 2-9. Disponível em: <https://www.yabiladi.com/img/content/EIU-Democracy-Index-2015.pdf>. Acesso em 27 de junho de 2017.

THE ECONOMIST INTELLIGENCE UNIT. *Democracy Index 2014: Democracy and its discontents*. 2015. p 2-16. Disponível em: <http://www.sudestada.com.uy/Content/Articles/421a313a-d58f-462e-9b24-2504a37f6b56/Democracy-index-2014.pdf>. Acesso em 27 de junho de 2017.

VALLADARES, Licia. *Os dez mandamentos da observação participante*. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 22, nº 63, São Paulo, fevereiro de 2007.
